

LE CARROSSE D'OR

Ronald F. Monteiro

Cordelier, uma visão mal assimilada de **French Can Can** e uma versão espúria de **Elena et les Hommes** (As Estranhas Coisas de Paris) completam o quadro quanto ao último período de realizador.

Le Carrosse d'Oro (ou **La Carrozza d'Oro**, 1953) é o primeiro movimento da meditação de Renoir sobre o espetáculo. Depois do teatro através da **commedia dell'arte**, viriam o frenético musical de **French Can Can**, em seguida a ópera cômica veículo de fábula (**Elena**). A vida do espetáculo; o espetáculo da vida; a vida e o espetáculo se entrecruzam, se impõem em alternâncias, se misturam, identificando-se, opondo-se, movimentando um colorido ora berrante, ora discreto, às vezes um e outro, numa manipulação magistral do admirável cineasta. Aqui Renoir reflete sobre os homens através da ação teatral de Colombina. E todos se submetem à vida sem saber ou poder tirar-lhe o verdadeiro proveito. E a vida, encarnada, que é a esfuziante Magnani termina por guardar os ecos sofridos da ação dos homens. Reflexão sobre a vida do espetáculo, que também é... etc., etc.

— Os homens se foram, misturando-se à multidão. Você lamenta, Colombina? — Um pouco. É o rosto sofrido mas prospectivo da Colombina teatro-vida que encerra a meditação.

Como sempre, o frenesi de movimentos e cores sábiamente comandados explode, ou se insinua apenas, através da mais enérgica e, ao mesmo tempo, dócil das retóricas. Porque totalmente integrada à estilística. No interior de um desequilíbrio de superfície, uma sábia lógica argumentativa que oferece o verdadeiro sentido do classicismo de um dos mais importantes artistas-pensadores do cinema.

Confesso-me incapaz de comentar Renoir em termos didáticos, em traduzir em frio raciocínio a estrutura de sua obra.

Lições de cinema — para qualquer aspirante a cineasta ou realizador experiente —, seus filmes são obras livres, abertas, ensinando, repetidamente, como instalar vida na arte, como fazer arte cheia de energia vital. Seus personagens vibram humanamente acima de qualquer retórica e, no entanto, é esta mesma retórica que lhes incula o sangue nas veias, sua principal característica e tipicidade. Ou melhor, diferenciação da maioria dos complexos pré-concebidos, ou pré-fabricados, o que é pior, que cheiram a frutos conceituais — e artificiais — de criadores mais (ou menos) talentosos, consagrados nesta e noutras praças, cujos nomes cada qual poderá apontar sem dificuldade.

Renoir não receia o esquemático; serve-se dele. Através do paralelismo teatro realidade, alterna-lhe as participações, a espontaneidade, o improviso da ação na comédia, as regras tragicômicas dos gestos na cômica, exibindo os vestígios de uma realidade interior. Que se faz mais complexa na dialética interpretação das duas realidades. Melhor, choque lesivo das realidades brutas.

E no entanto, esse esquematismo é mais complexo do que o sentido conceitual do termo. Há, desde o início, ecos da cômica no nobre aventureiro oficial, no toureiro — líder popular, rei entre os seus, no condicionamento financeiro do hospedeiro, nos expectadores populares — todavia mais próximos da realidade (do teatro). Da mesma forma que na Cômica antitética de vida há fugidias perseguições de humanidade, que logo assumem feição grotesca ante os constrangimentos opostos à ação livre, descomprometida.

As circunstâncias levam a almejada carruagem de ouro a se transformar em carro mortuário. Mas Colombina continuará a transmitir a vida para o público.

No Brasil, Renoir é, talvez, o mais maldito dos grandes cineastas. Felizmente as já hoje tradicionalizadas sessões especiais têm revelado, pelo menos a uma parcela de público, o que o exibidor comercial vem recusando sistematicamente. **La Règle du Jeu**, **Le Crime de Monsieur Lange** e **Une Partie de Campagne**, três obras capitais do artista em seu primeiro período francês, vêm sendo mostradas em exposições fora de circuito para preencher a lacuna da totalidade do seu gênio deixada pelo conhecimento isolado de **A Grande Ilusão**, **A Bêta Humana** e **Bas Fonds**. Sua fase americana exige revisão mas, pelo menos, chegou ao público. Um mau lançamento de **Rio Sagrado** e **O Testamento do dr.**